

PARA EXPLICAR A MUDANÇA LINGUÍSTICA: O CASO DA MUDANÇA SONORA

Texto traduzido e adaptado de

“Chapter 6. Explanation in Linguistic Change: The Case of Sound Change” (pp. 88-106) em
Robert J. JEFFERS e Ilse LEHISTE, *Principles and Methods for Historical Linguistics*.
Cambridge, MASS e Londres, Inglaterra: The MIT Press, 1979 (5ª impressão de 1992).

A mudança é a preocupação básica do linguista histórico e o linguista procura identificar quais eventos de mudança específicos caracterizam as histórias de determinadas línguas e quais, de um modo colateral, ampliam nossa compreensão dos sistemas estruturais sincrônicos. Baseadas num conhecimento das histórias de muitas línguas, as tipologias de mudança também podem ser estabelecidas, como discutimos nos capítulos 1 e 4. Tal como vimos nos capítulos 2 e 3, métodos foram desenvolvidos que permitem a reconstrução de etapas perdidas nas histórias das línguas e das famílias linguísticas de modo a oferecer um escopo mais amplo para a investigação do fenômeno da mudança linguística. A pesquisa da linguística histórica não termina, entretanto, com uma explicação dos fatos da mudança linguística. A linguística como ciência se preocupa em grande medida com a explicação dos fenômenos linguísticos. Assim, a linguística histórica deve, por sua vez, procurar uma explicação (ou, o que é mais provável, explicações) para os fenômenos da mudança linguística. Neste capítulo, consideraremos o caso da mudança sonora como um exemplo das tentativas para explicar tais fenômenos propostas por linguistas históricos.

Nos capítulos anteriores, tratamos a mudança sonora como um fato da história linguística, o que ela, de fato, é. Não ponderamos, contudo, as questões associadas com uma teoria da mudança sonora. Quais as motivações internas que servem a ativar as mudanças no inventário de sons que os falantes utilizam de geração em geração? Quais os mecanismos por meio dos quais tais mudanças são realizadas? Por que uma determinada mudança sonora ocorre num dado momento na história de uma língua? Essas e ainda outras são perguntas de elevada relevância para o linguista histórico. Infelizmente, ainda não foi proposta nenhuma explicação universalmente aceita para os problemas que semelhantes perguntas levantam. No entanto, isso não significa que os linguistas tenham desconsiderado essas questões. Muito pelo contrário, as explicações da mudança sonora (ou, pelo menos, de diversos aspectos da mudança sonora) têm sido procuradas há tempos, e, especialmente nos últimos trinta anos, muitas descobertas importantes foram conseguidas. Apresentaremos abaixo

um panorama representativo das discussões sobre a mudança sonora, com algumas tentativas a proferirmos comentários críticos e sínteses na medida em que progredirmos. Os parágrafos a seguir não foram pensados como uma história exaustiva da discussão da questão da mudança sonora. Antes disso, alvejamos oferecer exemplos instrutivos das maneiras em que especialistas escolhidos abordaram uma importante questão teórica básica dentro da linguística histórica.

1. As teorias neogramáticas

Os neogramáticos eram um grupo de jovens estudiosos que trabalhavam em Leipzig na segunda metade do século XIX, os mais notáveis dentre os quais eram Karl Brugmann e Hermann Osthoff. Grande parte do que esses linguistas sugeriram representava, na realidade, a prática normal e aceita entre muitos estudiosos do período, mas os neogramáticos foram os primeiros a tornarem explícita a exigência de que a investigação de fenômenos linguísticos fosse direcionada por pressupostos básicos acerca da natureza dos próprios fenômenos sendo investigados. Para os neogramáticos, o pressuposto básico a ser aplicado à mudança sonora foi que esse fenômeno era absolutamente regular. Em termos modernos, poder-se-ia dizer que a **hipótese de regularidade** foi a teoria neogramática da mudança sonora.

Muitos estudiosos anteriores aceitaram a noção de mudanças sonoras esporádicas e muitos estavam dispostos a pressupor vínculos genéticos na base de semelhanças fonéticas amplamente difundidas pelos léxicos das línguas. Para os neogramáticos, tal pressuposição desconsiderava a difusão geral da regularidade das correspondências fonéticas que era observada nas línguas aparentadas. Essa regularidade exigia uma explicação. Aceitar a mudança sonora esporádica era, ainda, admitir que a mudança sonora não fosse susceptível à investigação científica rigorosa. A hipótese da regularidade eliminaria ambos os problemas. Se, por sua própria natureza, a mudança sonora fosse sem exceções, sob condições fonéticas estáveis, a correspondência fonética regular nas línguas aparentadas seria o resultado natural; na verdade, o único resultado possível. Além disso, se a hipótese de regularidade fosse servir como o postulado axiomático básico, o princípio norteador da pesquisa linguística, conseqüentemente, exceções a correspondências que, caso contrário, tivessem sido regulares, não poderiam ser toleradas. “Há de ter”, como Karl Verner se expressou em 1877, “uma regra para as exceções de uma regra”.

Embora nas primeiras escritas neogramáticas não conste nenhuma afirmação explícita ao respeito das causas da mudança sonora, fica evidente que para muitos estudiosos neogramáticos, até a própria presença de um som num determinado ambiente fonético sintagmático servia como

motivação suficiente para e explicação da ocorrência da maioria dos tipos de mudança sonora. Nos casos de mudança sonora não condicionada, no entanto, nenhuma motivação contextual (pelo menos no sentido neogramático) está disponível e, até para as mudanças sonoras condicionadas, muitas perguntas se posam. Por que um determinado contexto fonético provoca a mudança numa instância e não noutra? Por que mudanças idênticas não ocorrem onde e quando quer que as condições idênticas obtenham?

Em seu livro *Prinzipien der Sprachgeschichte*, Hermann Paul apresentou um compêndio das perspectivas teóricas neogramáticas. Na sua tentativa de reunir uma quantidade significativa dos pressupostos que guiavam as investigações na linguística histórica pelo final do século XIX, Paul oferece a visão mais direta e completa do pensamento neogramático a aparecer. No que diz respeito à mudança sonora, o autor torna explícita a aceitação de uma motivação articulatória (a facilidade de articular).

Paul não enxerga a mudança sonora como um fenômeno puramente físico. Enfatiza a relação psicológica que se estabelece entre os sons, observando, por exemplo, que a assimilação regressiva não se trata simplesmente de um evento puramente fisiológico (mecânico). Para o linguista alemão, a “ideia” do som que ainda será enunciado afeta a articulação do segmento que o antecede. As condições para a mudança sonora são fisiológicas e o evento depende de fatores fisiológicos, mas o processo que resulta na mudança sonora é, na sua essência, um fenômeno psicológico. A convicção de que a mudança sonora se trata de um fenômeno puramente mecânico está associada à escola estruturalista americana, particularmente com o mais destacado personagem dessa escola, Leonard Bloomfield.

2. As teorias estruturalistas para a mudança linguística

Foi o desejo ardente de Bloomfield colocar a linguística entre as ciências. Portanto, para que a linguística fosse científica, a investigação linguística teria que ser impessoal, não intuitivo, mecânico e estritamente formal. O significado, a frequência de ocorrência e outros traços não formais da linguagem deveriam ser ignorados em geral. Não surpreende, portanto, que os pressupostos básicos dos neogramáticos eram julgados por Bloomfield constituírem uma base ideal para a fonologia histórica estruturalista. A rejeição total dos eventos de mudança esporádicos e a natureza mecânica do que considerava contextos puramente físicos (fonéticos) como uma explicação da mudança sonora se mostrava totalmente apropriada à abordagem antimentalista à ciência. Bloomfield estava convencido de que a mudança sonora era simplesmente o resultado de

uma modificação nos hábitos articulatórios dos falantes e que fatores não fonéticos nunca se mostrariam relevantes à mudança sonora. No entanto, embora ele deplorasse a aceitação da mudança sonora esporádica, Bloomfield admitia a ocorrência esporádica de formas historicamente aberrantes. Sua reclamação contra aqueles entre seus antecessores e seus contemporâneos que apoiassem a noção da mudança sonora esporádica era contra sua desconsideração da explicação. Por que os falantes tratariam itens individuais no léxico de uma maneira excepcional? Deve notar-se, entretanto, que Bloomfield permitia a possibilidade de que futuros refinamentos da teoria linguística pudessem conduzir a uma correlação ainda melhor dos fatos (vide Bloomfield, 1933: 355¹) do que os pressupostos da escola neogramática conseguiam.

Os comentários de Bloomfield acerca da mudança sonora vão, naturalmente, além de ser uma simples defesa dos axiomas neogramáticos, tal como ele os enxergava. O linguista americano afirma, por exemplo, que a mudança sonora como fenômeno dinâmico não pode ser estudado. O termo ‘mudança sonora’ representa, para ele, um rótulo retrospectivo que se refere a uma hipótese requerida pelos dados da comparação e da reconstrução linguísticas. Podemos saber da existência da mudança sonora somente por meio das evidências dos cognatos.

A importância da linguística sincrônica e o estruturalismo no pensamento linguístico nas primeiras décadas do século XX também estão evidentes na abordagem de Bloomfield do estudo da mudança sonora. Já que os fonemas são as entidades estruturais das quais os sistemas fonológicos sincrônicos estão compostos, o estudo da mudança sonora se torna, para o linguista estruturalista, o estudo da mudança fonêmica. Uma mudança é relevante linguisticamente apenas na medida em que afeta o sistema estrutural de uma língua. O dito de Bloomfield de que “Os fonemas mudam”, destaca a atitude de que a linguística histórica se trata do estudo do movimento desde um sistema sincrônico a outro sistema sincrônico posterior e estruturalmente diferente. Consequentemente, a fonologia histórica estruturalista era basicamente taxonômica, conforme o modelo da fonologia estruturalista sincrônica.

Um estruturalista posterior, Charles Hockett, procurou oferecer um modelo explícito para descrever e, portanto, para explicar este evento mecânico da mudança sonora. Hockett tenta explicar a mudança sonora em termos da variação livre aleatória na articulação real dos fonemas. A mudança sonora está associada com os hábitos de fala de um indivíduo, já que cada falante continuamente tenta acertar um alvo articulatório (o *máximo de frequência*). Somente rara vez o falante acerta o alvo, mas o âmbito das articulações possíveis é limitado (a *distribuição de expectativa*). Por que o alvo é perdido com frequência, a distribuição de expectativa e, por

¹ BLOOMFIELD, Leonard (1933). *Language*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston.

consequente, o máximo de frequência, podem ficar à deriva dentro do espaço fonológico. Novos alvos são estabelecidos e a mudança sonora ocorre.

Hockett aponta um amplo leque de motivos extralinguísticos para o fracasso dos falantes em manterem um determinado máximo de frequência. Incluem-se, umidade no trato vocal, cera ou sujeira nas orelhas e a simples desatenção. Ele defende ainda que a articulação imprecisa e desinteressada é possível por causa da evidente redundância da linguagem. Hockett pressupõe que a mudança sonora é totalmente irrelevante para os falantes e que eles a ignoram por completo. A mudança é relevante somente para o linguista e, mesmo nesse caso, é de interesse só porque alguma mudança estrutural resultou. Não obstante, diferente de Bloomfield, Hockett considera que a vagação fonética subfonêmica tem importância teórica, por servir como explicação da *atuação* de mudança estrutural potencialmente significativa. O termo “atuação” denomina a iniciação do evento de mudança e os fatores que desencadeiam a iniciação do evento.

A posição associada com Hockett está repleta de deficiências explanatórias, algumas das quais ficarão evidentes na discussão a seguir, mas notaremos aqui dois problemas. Primeiro, o modelo de Hockett desconsidera o fato de que a mudança sonora, inclusive a mudança sonora não condicionada, manifesta uma direção, sobre tudo quando ocorre dentro de um sistema linguísticos específico. Por que, por exemplo, certas modificações sonoras não condicionadas, como, p. ex., obstruente > continuada, quase sempre operar na mesma direção se o apelo à deriva fonética de Hockett representasse uma explanação completa da mudança sonora? Segundo, como o mais proeminente linguista antimentalista da era pós-bloomfieldiana, como é que Hockett explica o alvo ao qual os falantes aspiram constantemente? Se os falantes dispõem de conhecimento de algo que tentam reproduzir constantemente, devemos perguntar-nos onde esse conhecimento é armazenado.

3. Explicações da Escola de Praga

Embora Hockett procure oferecer um modelo para o evento de mudança sonora, está evidente que os fonologistas estruturalistas americanos desconsideravam algumas das mesmas perguntas cruciais que os neogramáticos simplesmente não posaram. Por que só certas mudanças sonoras ocorrem à exclusão de outras, e por que num momento e não em outro? Entre as primeiras tentativas de responder a essas perguntas foi uma tentativa feita por um linguista identificado com a Escola de fonologia estruturalista de Praga, André Martinet. Para os linguistas da Escola de Praga, tudo a respeito da linguagem devia ser considerado desde o ponto de vista da sua função. Preocupações funcionais também eram diretrizes importantes para outro linguista da Escola de

Praga, Roman Jakobson, no seu desenvolvimento de uma tipologia para a mudança fonológica. O linguista descritivo deve interessar-se por questões de função, perguntando-se Qual a função da linguagem? (para comunicar-se), ou Qual a função das formas linguísticas? (para distinguir o significado). Igualmente, o linguista histórico se pergunta: Qual a função da mudança linguística? No que diz respeito à mudança sonora condicionada, a resposta geralmente aceita se estabeleceu como a de Paul da “facilidade de articulação”. No entanto, pouca atenção além de discussões vagas sobre perambulações fonéticas foi dada como a explicação das mudanças sonoras não condicionadas no século XIX e no início do século XX. Martinet se dirigiu ao problema da mudança sonora não condicionada desde a perspectiva funcionalista antecipada.

Martinet se posou, por exemplo, a seguinte pergunta: Se a função dos fonemas for manter os morfemas distintivos, como é possível que fusões totais ocorram? Sua solução sugere a seguinte hipótese como uma das possíveis respostas: se uma determinada distinção fonêmica desenvolver um *rendimento funcional* baixo – ou seja, se pouquíssimos morfemas forem diferenciados pela ocorrência de cada de um par de fonemas – uma fusão será de pouca consequência para o sistema e poderá ocorrer sem atrapalhar a comunicação de um modo significativo. Muitos fatores precisam ser levados em conta ao estimar o rendimento funcional de qualquer distinção fonêmica individual. O contraste em inglês entre /θ/ e /ð/, por exemplo, distingue pouquíssimos morfemas. Contudo, esses fonemas representam apenas uma manifestação de uma correlação fonológica muito importante no inglês, surdo versus sonoro, fato esse que pode estar contribuindo a manter essa distinção estável.

Muitas vezes é o caso de que várias mudanças sonoras não condicionadas relacionadas afetam quase simultaneamente um subsistema do sistema fonológico de uma língua. Martinet observa que as línguas parecem preferir os sistemas fonológicos simétricos (a maioria dos linguistas contemporâneos concordariam, mas falariam em termo de sistemas fonológicos mais naturais), e o linguista francês sugere que a função de, pelo menos algumas mudanças fonológicas, é de trazer a simetria (maior naturalidade) a um sistema antes assimétrico (menos natural). No seu tratamento da mudança sonora, Martinet distingue entre *cadeias de empurre* e *cadeias de arraste*. Se a articulação de certo fonema /x/ entre alguns falantes começar a invadir o espaço fonológico associado com algum outro fonema /y/, então, /y/ pode iniciar uma mudança na mesma direção do que /x/ para que a fusão seja evitada. Isso é chamado uma *cadeia de empurre*. Por outro lado, se existir uma lacuna (assimetria) dentro do sistema fonológico de uma língua, e se a articulação de certo fonema é modificada de modo a preencher essa lacuna, uma *cadeia de arraste* pode desenvolver-se. Martinet

sugere tal reação em forma de uma cadeia de arraste para um determinado dialeto provençal de Hauteville.

(6.1.)

i					u
	e				o
		ε̃		õ	
		ε	ã	ɔ	
			a		

(6.2)

i					u
	ẽ				
	e			o	
	ẽ		õ		
	ε	ã			
		a			

O dialeto em questão exibe um exemplo clássico de um sistema vocálico nitidamente simétrico. Os fonemas vocálicos atuais são apresentados em (6.1). Num momento anterior, o inventário vocálico do mesmo dialeto foi registrado conforme o modelo em (6.2).

A sequência complexa de mudanças sonoras que gera (6.1) segue da seguinte maneira: /a/ > [ɔ], /ε/ > [a], /ẽ/ > [ε], /õ/ > [õ]. Martinet sugere que a assimetria em (6.2) – a falta de uma distinção tripartite entre as vogais posteriores que refletisse a distinção tripartite nas vogais anteriores – estimulou uma mudança inicial de /a/ > [ɔ], a qual desencadeou uma cadeia de arraste que podemos descrever da seguinte maneira: [ɔ] < /a/ < /ε/ < /ẽ/ < /õ/.

Apesar das hipóteses interessantes e importantes de Martinet no que diz respeito aos mecanismos e explicações de certas mudanças sonoras, permanece um problema que o linguista francês confessa livremente, a saber, que a maioria das suas explicações funcionais refere a mudanças sonoras que são em si mesmas secundárias. No caso da cadeia de empurre, por exemplo, o que ativa a tendência inicial para a aproximação e invasão? No caso da cadeia de arraste, se os sistemas fonológicos tendem à simetria, como poderiam surgir as lacunas para as quais a mudança sonora serve de concerto?

4. Explicações gerativas

Assim como Martinet e outros estruturalistas procuravam explicações para a mudança linguística por meio de uma consideração das estruturas internas das línguas, também muitos estudiosos associados com a escola da fonologia gerativa têm se aplicado às mesmas questões. Para a maioria dos primeiros gerativistas, mais notavelmente Paul Postal em *Aspects of Phonological Theory* (Part II. Nova York: Harper e Row, 1968: 231-326), a mudança sonora *per se* não se caracteriza como um determinado tipo de mudança linguística: trata-se de apenas uma manifestação da **mudança de gramática**. A mudança de gramática é refletida numa modificação da representação subjacente das formas linguísticas e/o uma mudança no sistema de regras que relacionam as estruturas subjacentes (semânticas) às estruturas superficiais (fonéticas).

Postal deplora que a maioria das tentativas a explicar a mudança sonora antes do advento da fonologia gerativa era baseada no desempenho (na facilidade de articulação, por exemplo). Em seu livro, o linguista americano assevera que a mudança tem que atingir o sistema abstrato internalizado e que, por conseguinte, os fatores superficiais (fonéticas) não fazem um papel especial. Por um lado, Postal apoia a hipótese neogramática da mudança sonora regular, observando que, se as mudanças linguísticas forem consideradas como mudanças de regras ou acréscimos de regras, então, todas as formas que se conformam à descrição estrutural de uma regra vão mudar de acordo com as alterações no sistema de regras que definam uma gramática. Por outro lado, Postal discorda com o pressuposto neogramático de que toda mudança sonora regular é condicionada foneticamente. Se permitirmos condições morfofonêmicas e morfológicas (e, aliás, até condições sintáticas) para as mudanças sonoras, então, a analogia, o nivelamento e outros processos se tornam potencialmente formalizáveis de uma maneira parecida àquela associada com as mudanças foneticamente condicionadas. Voltaremos a essa questão em breve, mas, antes, consideraremos o que é talvez a mais significativa contribuição na discussão gerativa da mudança sonora.

Estudiosos gerativos contribuíram de modo significativo a enfatizar o papel da aquisição de linguagem na mudança linguística. Postal, Paul Kiparsky (1968²) e Robert King (1969³), entre outros apontaram que as inovações nas gramáticas adultas na forma das adições de regras podem muitas vezes resultar em situações nas quais crianças que adquiram a linguagem são confrontadas com dados para os quais uma gramática poderia ser construída de uma maneira mais simples do que a que a geração de seus pais tinha internalizado e ajustado. O esquema em figura 6.1, adaptado de

² KIPARSKY, Paul (1968). "Linguistic Universals and Linguistic Change", em: E. BACH e R. HARMS (orgs.), *Universals in Linguistic Theory*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston.

³ KING, Robert D. (1969). *Historical Linguistics and Generative Grammar*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall.

King (1969) e de Klima (1965⁴) exemplifica esse modelo de mudança linguística. Um segundo mecanismo sugerido associado com a aquisição da linguagem para a mudança linguística é a *aprendizagem imperfeita*. Essa hipótese afirma que as crianças podem não aprender a gramática das gerações anteriores em todos seus detalhes. Uma regra muito restringida pode ser generalizada, ou uma regra difícil pode simplesmente não ser adquirida. Esses desenvolvimentos resultariam, naturalmente, em mudança linguística.

Como notamos no capítulo 5, o próprio modelo gerativo define e delimita as maneiras em que estudiosos gerativos enxergam a mudança fonológica. Os fonologistas gerativistas na sua maioria equiparam a mudança fonológica (mudança no sistema gramatical, especificamente, o sistema fonológico) com a mudança sonora (mudança na articulação de segmentos). Esse preconceito com seus antecessores na escola estruturalista americana. A mudança sonora foi explicada para algumas pessoas, de forma mais notável para Postal, se era possível descrevê-la em termos de mudanças gramaticais formalizáveis. Entretanto, a afirmação de que, em algum momento, X , a gramática da língua A não continha alguma regra, mas, em momento X' , uma determinada regra foi adicionada à gramática de língua A , pouco explica. Trata-se de uma afirmação formal de um fato histórico. Trata-se de uma *correspondência diacrônica*, um termo mais geral do que o termo correspondência fonética. Consiste numa nova e, talvez mais completa, versão da afirmação da forma $x > y$. No entanto, como notamos no capítulo 5, certas mudanças importantes sequer são capazes de expressão em termos de mudanças em sistemas de regras.

Postal e alguns outros linguistas gerativistas pareciam despreocupados com certas questões de importância central para a maioria dos linguistas históricos. Para ele, a única explicação para a ocorrência de alterações de regras se encontra na tendência humana comum para com a variação estilística. Isso não é mais esclarecedor do que as noções de variação aleatória de Hockett. Postal, como Hockett, parece desconsiderar o fato de que a mudança não está irrestrita. Trata-se de algo direcional, e sua natureza direcional é em certa medida previsível. Se a mudança sonora for equiparável a modificações na forma de regras fonológicas, então, quaisquer modificações nas especificações de atributos, condições ou ordens seriam possíveis mudanças sonoras. Fica evidente que isso não é o caso. Portanto, embora optemos para descrever a mudança sonora (ou algumas mudanças sonoras) em termos de mudanças no sistema de regras fonológicas, ainda ficam a serem identificadas quais as restrições na mudança de regras e por que tais restrições existem.

⁴ KLIMA, E. (1965). *Studies in Diachronic Transformational Syntax*. Dissertação não publicada. Cambridge, Massachusetts: Harvard University.

Existem diversas tentativas a identificar as condições sob as quais as mudanças de regras podem ocorrer. Kiparsky (1968) postulou que a reordenação de regras é motivada por uma tendência para as regras se aplicarem ao maior número possível de formas. Se uma das duas ordens possíveis para qualquer par de regras resultar numa aplicação mais abrangente para uma das regras, essa ordem é chamada a menos marcada das duas. Kiparsky defendia que as regras tendem a reordenar-se para aplicar-se na ordem menos marcada.

Qualquer par de regras que se aplicar potencialmente às mesmas formas pode exibir qualquer uma de quatro relações possíveis. Dadas duas regras *A* e *B*, a ordem *A* e depois *B* é chamada uma **ordem alimentícia** ou **aditiva** (< inglês, *feeding order*; < francês, *ordre alimentatif/additif*) se o funcionamento da regra *A* produzir uma forma a que a regra *B* pode se aplicar. Se a operação da regra *A* modificar formas às quais, caso contrário, a regra *B* se tivesse aplicado, então, diz-se que a regra *A* **sangra**, **esvaece** ou **deslastra** (< inglês, *bleeds*, < francês, *délestre*) a regra *B*. Se a regra *A* seguida pela regra *B* for uma ordem alimentícia, mas *B* não esvaecer *A*, então, a ordem *B* – *A* é chamada uma **ordem contra-alimentícia** (< inglês, *counter-feeding order*; < francês, *ordre contre-alimentatif*). Do mesmo modo, se a regra *A* seguida pela regra *B* for uma **ordem de sangramento**⁵, mas a regra *B* não alimentar a regra *A*, portanto, dizemos que a relação entre as regras é de **contrassangramento**⁶. Por conseguinte, não só a ordem de esvaecimento, mas também a ordem contra-alimentícia são mais marcadas do que a ordem alimentícia (aquelas se aplicam a menos situações do que essa), e a ordem de deslastre é mais marcada do que a ordem de contra-deslastre e a ordem alimentícia.

Um dos primeiros e, talvez, o mais conhecido dos supostos exemplos de uma mudança que podia ser explicada por meio de uma referência à mudança de uma ordem de regras mais marcada para outra ordem de regras menos marcada foi oferecido por Kiparsky. Na maioria dos dialetos finlandeses, existe uma regra que converte vogais médias geminadas em ditongos, ou seja, /-ee-/ > [-ie-] ou /-oo-/ > [-uo-], e essa regra de ditongação precede outra regra que elimina as fricativas sonoras intervocálicas. Por conseguinte, formas mais antigas do tipo **vee* “tomar” e **teye* “fazer” passam a ser *vie* e *tee*, respectivamente, no finlandês padrão, como se pode constatar no diagrama (6.3) abaixo. No dialeto sarveliano do finlandês, porém, as descendentes de **vee* e **teye* são *vie* e *tie*. Kiparsky sustentou que essa diferença entre as variedades reflete uma inovação que pode ser explicada em termos da reordenação de regras (vide 6.4.).

⁵ Outras traduções possíveis são: **ordem de esvaecimento** ou **de deslastre** (< inglês, *bleeding order*; < francês, *ordre de délestrage*)

⁶ Traduções alternativas: **ordem de contraesvaecimento** ou **de contradeslastre]** (< inglês, *counter-bleeding order*; francês, *ordre de contre-délestrage*)

(6.3)

	<i>*vee</i>	<i>*teye</i>
Ditongação	<i>vie</i>	...
Perda de continuante média	...	<i>tee</i>
Formas superficiais	<i>vie</i>	<i>tee</i>

(6.4)

	<i>*vee</i>	<i>*teye</i>
Perda de continuante média	...	<i>tee</i>
Ditongação	<i>vie</i>	<i>tie</i>

Embora a situação nos dois dialetos demonstre de um modo claro e organizado a diferença entre uma relação de contra alimentação e outra de alimentação, revisões adicionais dos fatos relacionados à história linguística revelaram que a situação no sarveliano foi devida a uma difusão de regras antes de se tratar de um caso de reordenação de regras. A ditongação alcançou o dialeto sarveliano somente depois que o processo de perda das continuantes sonoras médias se tinha terminado. Em lugar de estabelecer uma explicação para a reordenação de regras como um processo dinâmico da mudança linguística, o exemplo finlandês demonstra como desenvolvimentos em forma de onda podem explicar ordens cronológicas diferentes para de mudanças em dialetos aparentados.

Mais dois dos muitos contraexemplos à alegação de que a marcação constitui uma motivação para reordenar as regras fonológicas são os seguintes, tirados do inglês antigo:

(6.5)

<i>Inglês antigo</i>	[dæy]	[dæyes]	[dæyas]
<i>Desvozeamento</i>	[dæx]
<i>Vocalização</i>	...	[dæjes]	...

<i>Inglês antigo posterior</i>	[dæy]	[dæyes]	[dæyas]
<i>Vocalização</i>	[dæj]	[dæjes]	...
<i>Desvozeamento</i>

(6.6) Inglês antigo	Infinitivo	3ª pess. sing. pres. indic.
<i>Sequência histórica</i>	<i>tælian</i> [tæljən]	<i>tælip</i> [tæliθ]
<i>Geminação consonantal</i>	<i>tællian</i> [tælljən]	...
<i>Breaking (“Quebra vocálica”)</i>	<i>teallian</i> [tæalljən]	...
<i>Umlaut (metafonia)</i>	<i>tiellian</i> [tielljən]	<i>teliþ</i> [teliθ]

<i>Perda de iode</i>	<i>tiellan</i> [tiellan]...	
<i>Sequência sincrônica</i>	<i>tæljan</i>	<i>tælip</i> [tæliθ]
<i>Breaking (“Quebra vocálica”)</i>
<i>Geminação consonantal</i>	<i>tællian</i> [tælljan]	...
<i>Umlaut (metafonia)</i>	<i>tellian</i> [telljan]	<i>teliþ</i> [teliθ]
<i>Perda de iode</i>	<i>tellan</i> [tellan]	...

Observe que a Vocalização “sangra” o Desvozeamento no exemplo (6.5) e que, no exemplo (6.6), a sequência “Quebra vocálica” seguida pela Geminação consonantal constitui uma ordem “contra alimentícia”. Repare, porém, que em ambos os casos, o resultado das mudanças é regularidade paradigmática. O que nos confrontam aqui parecem ser exemplos do fenômeno denominado tradicionalmente “nivelamento”. Se o rearranjo de regras está, de fato, envolvido nos processos de desenvolvimento do tipo descrito em (6.5) e (6.6), esse reorganização é motivado aparentemente pela tendência de simplificar as manifestações superficiais dos morfemas, de modo que muitos alomorfes são substituídos por uma única representação fonética de um morfema.

5. A fonologia natural

Como os funcionalistas de Praga, os Naturalistas, particularmente os fonologistas naturais como David Stampe (1969⁷), se preocupam com a explicação da mudança linguística. A Fonologia Natural procura explicar todos os tipos de mudança sonora genuína de uma maneira unificada. Propõe-se que todos os seres humanos vêm ao processo de aquisição da linguagem munidos com um conjunto de processos inatos que começam a operar desde o início do comportamento linguístico. A fim de que a linguagem funcione para distinguir o significado, sistemas fonológicos complexos foram desenvolvidos nas línguas naturais. Por conseguinte, a criança deve reprimir ou ordenar muitas das suas tendências articulatórias naturais para que aprenda o sistema fonológico. A mudança sonora ocorrerá, portanto, quando os falantes não conseguem reprimir ou organizar devidamente algum processo natural. Uma mudança sonora condicionada, por exemplo, não deve ser entendida como *x* passando a ser *y* no ambiente que antecede *Q*, mas como *x* deixando de resistir se tornar *y* no ambiente que precede *Q*.

Embora a fonologia natural ofereça uma abordagem inovadora ao velho problema da mudança sonora, certas questões fundamentais de longa data permanecem. Tal como podemos

⁷ STAMPE, David (1969). “The Acquisition of Phonetic Representations”, *CLS* 5: 443-454.

perguntar ao Neogramático por que $x > y / _ Q$ em língua A, mas não em língua B, em momento T_1 e não em momento T_2 , podemos pedir ao fonólogo natural que nos explique os tipos de condições que devem obter antes que um processo que antigamente era reprimido com sucesso de repente ou gradualmente deixa de ser reprimido. Ou por que x deixa de resistir se tornar $y / _ Q$ em língua A, mas não em língua B, em momento T_1 e não em momento T_2 ? Embora a fonologia natural tente revisar pressuposições tradicionais acerca dos próprios mecanismos que operam na mudança linguística, os velhos problemas da atuação estão muito longes de serem solucionados.

6. Motivações sociais para a mudança sonora

Uma abordagem especialmente inovadora sociolinguística da explicação da mudança sonora (e a qual, no que diz respeito ao assunto, oferece explicações para todo tipo de mudança linguística) tem sido exercida desde os meados da década dos 60 por um grupo de estudiosos, o mais notável dentro os quais sendo William Labov, o qual alega que a única maneira de chegar a compreender a mudança linguística é de estudá-la em andamento. Lembre-se da afirmação de Bloomfield de que tal investigação seria impossível. Labov aponta que os linguistas no século XX têm estudado a linguagem como se fosse uma entidade homogênea, enquanto, na realidade, trata-se de algo bastante heterogêneo. A variação não distintiva não tem sido um tópico de interesse para os linguistas históricos. O fato de que as gramáticas de falantes individuais incorporam muitas variáveis de pronúncia e de estrutura não recebe nenhuma atenção em lugar algum na literatura que trata da linguística histórica.

Labov visualiza as gramáticas como compostas de regras do tipo $/x/ \rightarrow \langle a, b \rangle$, silogismo que abrevia a descrição da seguinte situação: $/x/ \rightarrow [a]$ no contexto social A e $/x/ \rightarrow [b]$ no contexto social B. A mudança linguística ocorre, sustenta-se, quando uma dessas variantes, como consequência da sua associação com algum índice social positivo, chegar a ser preferida a(s) outra(s) variante(s), uma das quais era antigamente a representação preferida. Também a mudança pode ocorrer quando uma variante ficar estigmatizada e é, portanto, eliminada. As línguas não manifestam variáveis para todos os construtos em todos os momentos, contudo, e o conjunto das variáveis para qualquer construto definível varia tanto entre as línguas como entre os diversos pontos cronológicos na história de uma língua. Embora o cenário laboviano fale com discernimento sobre o **problema da transição** (a explicação dos mecanismos sociais que operam na transição de um sistema para outro), o **problema da atuação** permanece sem tratamento. Certos conjuntos de variáveis surgem em determinados momentos na história de uma dada língua. Continua necessário

determinar por que e como certas representações variáveis surgem em dados momentos em língua oportuna.

7. A dialetologia

A maioria dos estudiosos que se ocupam com a mudança na estrutura fonológica dos vocábulos tem se focado na uniformidade dos desenvolvimentos e alguns têm enfatizado as histórias particulares das palavras, dirigindo-se à questão de por que a mudança sonora não é sempre regular. Nas últimas décadas do século XIX e durante as primeiras do século XX, especialistas em dialetologia, dentre os quais o francês, Jules Gilliéron, e o austríaco, Hugo Schuchardt, chamavam a atenção dos linguistas ao fato de que cada palavra possui sua própria história. Exceções à mudança sonora regular ocorrem, de fato, em determinadas palavras individuais devidas aos tratamentos idiossincráticos dos falantes. Asseveravam os dialetólogos que é apenas através da investigação da história detalhada de cada palavra de uma língua que a estrutura fonológica dos vocábulos pode ser entendida de verdade.

8. A difusão lexical

Dentre os que estudam a mudança sonora atualmente, os defensores da teoria da *difusão lexical*, como William S-Y. Wang e Matthew Chen, manifestam um interesse semelhante pela explicação de por que a mudança sonora não é sempre regular em seu último efeito na linguagem. A teoria da difusão lexical pressupõe que a mudança sonora é abrupta foneticamente, mas é lexicalmente gradual, ou seja, as mudanças da forma $x > y$ se iniciam num grupo ou numa categoria de palavras e se difundem lentamente pelo léxico. Assim, mudança sonora não afeta, segundo essa teoria, todos os morfemas simultaneamente. Se a mudança sonora é, de fato, lexicalmente gradual, o tempo seria mais relevante do que tradicionalmente se tenha pensado e mudanças sonoras concorrentes podem coincidir no decorrer da história de uma língua.

Suponha que uma língua L experimenta uma mudança sonora lexicalmente gradual da forma $/t/ > [d] / V_V$. Num determinado momento, existirão alguns exemplares de $/t/$ que foram derivados de $*/t/$ em posições intervocálicas e haverá também alguns exemplares de $[d] < */t/$ no mesmo ambiente. Agora, suponha que uma segunda mudança ocorre em L da forma $/d/ > [ð] / V_V$, e que esse segundo desenvolvimento termina antes que aquele primeiro processo tenha atingido o léxico inteiro. Uma mistura muito complexa de reflexos poderia ser o resultado. Numa última análise, haveria $[ð]$ intervocálico $< */t/$ (e via $*/[d]$) e encontraríamos $/d/$ intervocálico $< */t/$

nas palavras que não foram afetadas pela mudança /d/ > [ð] / V__V, ao mesmo tempo em que /t/ > [d] / V__V estivesse em pleno funcionamento.

A teoria da difusão lexical não é desarrazoada, mas é surpreendente que tão poucos exemplos que o apoiam foram reconhecidos nas histórias dos sons segmentais das línguas bem-atestadas e muito estudadas. A maioria dos exemplos divulgados pelos defensores da teoria advém da história dos sistemas tonais, particularmente do chinês.

9. A mudança morfofonêmico e morfológico

No próximo capítulo, algumas das pouco frequentes tentativas de explicar a mudança nos sistemas sintáticos serão apresentadas. Um breve comentário acerca da explicação da mudança morfofonêmico e morfológico é conveniente antes de concluirmos o presente capítulo. Lembrar-se-á do capítulo 4 de que a maioria das instâncias de mudança nos sistemas morfológicos está ligada com a mudança fonética e/ou fonológica. Em geral, consta que alguma mudança sonora, tipicamente uma mudança sonora condicionada, introduz uma complicação a algum paradigma morfológico o gramatical (ou a um conjunto desses paradigmas). O resultado é um sistema morfológico que pode ser considerado mais complexo do ponto de vista da percepção e da aprendizagem. Onde um morfema exibia antigamente uma única representação fonética, onde tipos de morfema manifestavam alguma vez uma ou algumas quantas formas canônicas, onde as categorias gramaticais morfológicas apresentavam outrora um ou alguns poucos modelos estruturais, a mudança sonora introduz diversos alomorfes, variação na forma fonológica dos morfemas e diversidade nos padrões formais da gramática. Como consequência de tais desenvolvimentos, as relações linguísticas parecem ficar mais difíceis a perceber e a aprender. Surge uma necessidade de trazer uma maior uniformidade às formas e aos padrões morfológicos a fim de facilitar a percepção e a aprendizagem das relações formais que obtêm entre as unidades mórficas. Mudanças como o nivelamento e a analogia começam a operar para produzir a referida uniformidade e a linguagem continua a mudar de uma maneira cíclica, alternando entre o desenvolvimento e a redução da complexidade.

Leituras adicionais recomendadas

ANDERSEN, H. (1973). “Abductive and Deductive Change”, *Language* 49.4: 765-94.

BLOOMFIELD, L. (1933). *Language*. New York: Holt, Rinehart and Winston, Chapter 19.

- CHEN, M and W. S.-Y. WANG (1975). “Sound Change: Actuation and Implementation”, *Language* 51: 255-81.
- HOCKETT, C. F. (1965). “Sound Change”, *Language* 41: 185-215.
- KIPARSKY, P. (1968). “Linguistic Universals and Linguistic Change”, in: E. BACH and R. HARMS (eds.), *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- LABOV, W. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia, PENN.: University of Pennsylvania Press, Chapters 7-9.
- MARTINET, A. (1952). “Function, Structure and Sound Change”, *Word* 8: 1-32.
- PAUL, H. (1920). *Prinzipien der Sprachgeschichte*. 5^a edition. Halle: Niemeyer.
- POSTAL, P. M. (1968). *Aspects of Phonological Theory*. New York: Harper and Row, Part II: 231-326.
- STAMPE, D. (1973). “The Acquisition of Phonetic Representation”, *CLS* 5: 443-54.
- VENNEMANN, T. (1972). “Rule Inversion”, *Lingua* 29, 209-42.
- WANG, W. S.-Y. (1969). “Competing Changes as a Cause of Residue”, *Language* 45: 9-25.
- WEINREICH, U., M. HERZOG and W. LABOV (1968). “Empirical Foundations for a Theory of Language Change”, in: W. LEHMANN and Y. MALKIEL (Eds) *Directions for Historical Linguistics*. Austin, Texas: University of Texas Press.